



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

TAYSE DE TEIVE ARGÔLO DÓREA OLIVEIRA

ENVELHECER: QUATRO HISTÓRIAS DE VIDAS EM ASILOS

Salvador

2014.1

TAYSE DE TEIVE ARGÔLO DÓREA OLIVEIRA

ENVELHECER: QUATRO HISTÓRIAS DE VIDAS EM ASILOS

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito à obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lucineide Fontes

Salvador

2014.1

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que se dedicaram integralmente para que eu chegasse até aqui e tornaram os meus sonhos possíveis. Agradeço também a Diego, por todas as palavras digitadas e por ser o melhor irmão que eu sempre quis ter.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Comunicação da UFBA, pois este trabalho é o resultado dos últimos quatro anos. Pelo mesmo motivo, aos amigos e colegas, que me acompanharam em trabalhos e longas horas de estudos. Todos contribuíram para tornar essa jornada a mais enriquecedora possível.

Aos profissionais que conheci nos locais onde estagiei. Este trabalho não existiria dessa forma se não fosse pelas experiências profissionais que me permitiram amadurecer o meu olhar e a minha autoconfiança para concluir os desafios apresentados.

A Malu, de quem sou fã, por ter me orientado ao longo desse percurso e, especialmente, por ter me motivado com suas palavras cruas e sinceras nos momentos em que pensei que não conseguiria concluir este projeto.

A Thais, por todas as noites e madrugadas de companheirismo e incentivo mútuo. São desses momentos que, com certeza, sentirei saudades. Obrigada também por todas as leituras, comentários e “choques” de realidade.

A Simone, pela paciência e carinho ao ler todo o livro e revisá-lo do título à última linha. Uma prova de amizade inesquecível diante da qual estarei eternamente em débito.

Aos melhores grupos de apoio que fiz parte e aos colegas de semestre que se tornaram amigos. Agradeço a Wendell, por sempre nos mostrar como não éramos páreo para ele; a Luana, Amana e Daniele, por serem as melhores amigas que somente a faculdade poderia unir; a Eduardo, por ser uma das pessoas mais atenciosas e descontraídas que conheço; a Rafael, por sempre preocupar-se comigo mais do que eu mesma; a aqueles em quem encontrei uma sintonia tão grande que acabamos por concluir o trabalho final no mesmo ano: Gabriela e Saville.

A toda minha família e aos amigos, especialmente a Lorena, que são minha referência de amor, força e confiança.

RESUMO

O presente memorial detalha a concepção e o processo de produção do livro *Envelhecer: quatro histórias de vidas em asilos*, assim como sua fundamentação teórica. Este livro é constituído por quatro textos construídos no formato de perfis jornalísticos que apresentam os relatos de Carlos, Cecília, Valdivino e Raimunda, quatro idosos que moram em asilos de Salvador e Lauro de Freitas. O conteúdo dos textos foi desenvolvido a partir de entrevistas com os perfilados a respeito de suas trajetórias de vida e do seu presente. Nesta memória, encontram-se as referências de jornalismo literário usadas, a descrição do processo de desenvolvimento do projeto, as experiências pessoais da autora que foram relevantes para a construção do livro e a sua trajetória durante a graduação em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia. Este trabalho se encerra com as considerações finais da autora a respeito de toda a elaboração do produto.

Palavras-chave: perfil; jornalismo literário; idoso; asilo; velhice.

A pessoa lê o que gosta –
porém não escreve o que gostaria de escrever,
e sim o que é capaz de escrever.

Jorge Luís Borges

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. JORNALISMO LITERÁRIO.....	10
2.1 BREVE HISTÓRICO.....	11
2.2 PERFIL.....	13
3. CENÁRIO SOCIAL DOS IDOSOS NO BRASIL.....	15
4. TRAJETÓRIA.....	17
4.1 PESSOAL.....	17
4.2 PROFISSIONAL.....	19
5. O LIVRO: PERCURSO METODOLÓGICO.....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7. REFERÊNCIAS.....	29
8. ANEXOS.....	31

1. INTRODUÇÃO

O presente memorial descritivo traz as principais referências teóricas e os métodos utilizados para a elaboração do livro *Envelhecer: quatro histórias de vidas em asilos*. Este produto caracteriza-se por ser uma coletânea de textos jornalísticos cujo formato ancora-se nos preceitos do jornalismo literário. O tema principal é a velhice, exposta a partir das histórias de vida de quatro idosos que moram em asilos e foram entrevistados com o objetivo de entender porque eles moram nestes locais e como se relacionam com o envelhecimento. Além das entrevistas com os perfilados, também foram ouvidos funcionários dos asilos, pessoas que acompanham os idosos entrevistados desde a sua chegada até o momento atual.

A escolha por essa escola do jornalismo baseia-se no interesse em compreender os desafios enfrentados com o envelhecimento do corpo e a consequente redução da atividade cerebral, próprios do avanço da idade, através de um contato próximo e pessoal com as pessoas que aceitaram e foram selecionadas para fazer parte deste trabalho. Além desse objetivo, há também o interesse em conhecer a trajetória dos idosos que moram nas instituições de longa permanência para idosos (ILPI), mais conhecidas pelas denominações de asilos, abrigos ou casas de caridade. Para transpor ao texto e ao leitor a intimidade e a confiança conquistadas ao longo de repetidas visitas e demoradas conversas com os entrevistados, considerando o conteúdo completamente marcado pelas histórias de vida destes, foi inevitável a decisão pelo tipo de texto conhecido como perfil ou reportagem biográfica. Essa escolha permitiu a minha presença nos textos através do uso gramatical em primeira pessoa, incluindo minhas percepções e meus sentimentos em relação aos idosos e ao contexto em que estão inseridos, através do uso da técnica narrativa literária.

Os perfis apresentados são extensos para o padrão geralmente visto em publicações diárias ou com periodicidade determinada, o mesmo valendo para o tamanho de textos publicados na web. Ainda que existam algumas exceções nesses casos, a opção por um livro impresso configura-se em uma realização pessoal, além de ser um formato que, em minha opinião, permite maior conforto para a leitura e, neste trabalho, restringe o acesso do público, já que foi produzido apenas para fins acadêmicos e poucos exemplares foram impressos. Mesmo sem visar fins comerciais, pode-se observar também que essa opção denota um acompanhamento da tendência editorial de compilar perfis jornalísticos em livros. Sobre os

caminhos que levaram à escolha do gênero perfil há o objetivo de humanizar e dar protagonismo às pessoas que estão por trás das estatísticas populacionais.

A apuração para este produto aconteceu em duas instituições: a Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes, no bairro de Itinga, em Lauro de Freitas, e o Abrigo São Gabriel para os Idosos de Deus, no bairro da Boa Viagem, em Salvador. Ambas são filantrópicas, como a maior parte dos asilos existentes no Brasil (65,2% em pesquisa realizada em 2011 pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)). Essa característica influencia no critério de prioridade adotado pelas duas instituições para o preenchimento de suas vagas, preferenciais para os idosos de baixa renda e que vivam em condições de vulnerabilidade social ou bem próximos a isso. As duas instituições também possuem vertentes religiosas. A primeira, ancorada no espiritismo e a segunda, no catolicismo. Desses dois fatores de semelhança, apenas o primeiro foi utilizado para selecionar as instituições que seriam visitadas.

Os personagens principais dos textos do livro são: Carlos Ribeiro, 77 anos, Cecília de Jesus, 81, Raimunda Veras Ferreira, 79, e Valdivino de Oliveira, 83. Todos tiveram seus nomes verdadeiros mantidos, pois concordaram em participar do trabalho e permitiram que suas histórias fossem transformadas em perfis, sem fazerem questão de anonimato, tanto que aceitaram a divulgação de suas fotos, tiradas por mim. Conheci os três primeiros na Casa de Caridade. Destes, apenas Raimunda ainda mantém algum contato frequente com seus familiares, sua filha e seus netos, que telefonam mensalmente de Londres, onde vivem. Cecília não possui ninguém com laços consanguíneos que esteja vivo, ao que ela sabe. Carlos não tem contato há anos com seus irmãos e o mais próximo que possui de uma família são a ex-mulher e a mãe dela, já que seus filhos moram no sul da Bahia e as viagens para a capital não são rotineiras. Já Valdivino, morador do Abrigo São Gabriel, foi levado para lá por sua irmã, única parente que lhe dispensava cuidados, até sentir-se sobrecarregada com os cuidados com a própria saúde e a assistência prestada à outra irmã com transtornos mentais.

São quatro histórias de solidão e demonstram que não é possível generalizar os moradores de asilos como vítimas de abandono familiar. Apesar de não serem raras as situações em que o idoso parece ter sido esquecido no asilo, é importante perceber casos em que a família, por mais que se esforce, não tem condições de oferecer ao idoso a qualidade de vida que ele necessita. Nesses contextos de vida, o asilo surge como a única esperança de

sobrevivência para os que estão ali, e alguns desses, por mais que sonhem em voltar para as suas casas, onde não precisavam dividir pouco espaço com tantas pessoas, parecem aceitar que, provavelmente, não voltarão a ver ou ter outra casa além dessa em que estão.

O acordo firmado verbalmente entre mim e as instituições permite que as histórias sejam reproduzidas apenas para fins acadêmicos, especificamente para serem apresentadas como trabalho de conclusão de curso. Os responsáveis pelas instituições buscaram assegurar, dessa maneira, que não haja fins lucrativos com a veiculação das histórias retratadas e que as mesmas não sejam reproduzidas de forma indevida e sem autorização prévia.

2. JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário é uma especialização ou gênero jornalístico, também conhecido como literatura da realidade, literatura de não ficção ou *creative nonfiction* (VILAS BOAS, 2003). Esse estilo permite a utilização de técnicas narrativas literárias, sem a necessidade de atender as exigências do tradicional modelo de hierarquização dos fatos e construção da notícia. No jornalismo literário, a pirâmide invertida, a obrigatoriedade do lide e a objetividade dos textos comumente produzidos para as publicações diárias perdem espaço para a subjetividade do jornalista que pode inserir-se na reportagem através da inclusão de diálogos, descrições detalhadas do ambiente e das pessoas, assim como de suas impressões sobre o entrevistado, o lugar onde se encontraram e o que mais julgar significativo e enriquecedor para o conteúdo do texto.

Segundo Angélica Fabiane Weise (2013), em seu artigo “Para compreender o jornalismo literário”, este gênero é uma miscelânea dos fatos da realidade e da realidade somada à ficção, em outras palavras, uma mescla entre jornalismo e literatura, respectivamente. Dessa forma, os textos deste gênero, como qualquer material jornalístico, cumprem a missão de informar, porém com três acréscimos particulares que alicerçam e ornamentam a reportagem: o ganho em vocabulário, a estrutura narrativa e o aprofundamento de conteúdo.

O jornalismo literário, além de trazer as informações completas, somadas a uma boa narrativa escrita, proporciona ao leitor uma visão mais ampla do acontecimento. Nesse contexto, o jornalismo literário vai além da abrangência dos fatos e, sim, ultrapassa os limites das informações. (WEISE, 2013)

Nas considerações de Humberto Werneck (2012), em seu artigo “Santa Sherazade, padroeira dos jornalistas”, este é um tipo de jornalismo que valoriza mais a observação do que as palavras. Uma vez que é permitido ao jornalista, sem afastar-se da realidade, o uso de recursos da narrativa ficcional. Para este autor, o jornalismo literário procurou:

[...] devolver ao jornalismo, aperfeiçoando-as, algumas ferramentas da literatura, como o uso de diálogos, a descrição de cenas e ambientes, e, sobretudo, quebrando a assepsia, a secura, a pobreza de um texto raso, de uma visão rasa da realidade. Basta não esquecer que as palavras *saber* e *sabor*, tendo a mesma raiz, não precisam andar separadas [...] ao se valer de instrumentos da narrativa de ficção, o bom jornalista, longe de querer embelezar seu texto, está empenhado numa indispensável empreitada de sedução – sem a qual corre o risco de simplesmente não ser lido. (WERNECK, 2012)

A escolha do jornalismo literário se deu pelo fato desta escola permitir espaço para reportagens mais longas, detalhadas e humanizadas. Para Sergio Vilas Boas (2003), esse gênero é uma filosofia e uma técnica. Filosofia do aprofundamento e técnica (narrativa) literária que se aplica a qualquer área da cobertura jornalística. Nas palavras de Philip Meyer, em seu discurso na Academia Austríaca de Ciências, traduzidas por Leticia Nunes, “outro meio de reportar padrão e estrutura é através da narrativa. É aí que os jornalistas literários se sobressaem. Sua não ficção criativa tem uma voz mais pessoal do que a escrita tradicional de notícias” (MEYER, 2011).

2.1 BREVE HISTÓRICO

O que é chamado no Brasil de jornalismo literário surgiu nos Estados Unidos em meados dos anos 1960 sob o nome de *New Journalism*, uma reação ao exacerbamento da objetividade e à lógica industrial de produção de notícias. Para Werneck (2012), no entanto, o que foi chamado como novo representava um retorno às características do jornalismo praticado em parte do século XIX, quando os textos eram assumidamente contaminados pela literatura. A responsável pela mudança na estrutura desse jornalismo foi a lógica de mercado, sob a qual se entendia que os jornais deveriam reduzir o preço de venda de seus exemplares para conquistar mais leitores e, para que não houvesse prejuízos financeiros às empresas jornalísticas, a publicidade foi inserida nas publicações. Aumentar o número de leitores significou tornar os textos acessíveis para públicos diversos e, sob este pretexto, as notícias diminuíram de tamanho, incorporaram uma linguagem objetiva e clara, e os textos opinativos e literários perderam espaço.

Toda realidade que não fosse fácil e imediatamente verificável passou a não interessar muito à imprensa. Passou a valer mais o fato puro e simples [...] O modo de ver, o olhar jornalístico passou por uma simplificação [...] caminhou-se para uma simplificação grosseira na qual os fatos, as coisas e as pessoas necessariamente perderam as nuances, os meios-tons [...] tudo, até mesmo as emoções, tornou-se mais ou menos estereotipado (WERNECK, 2012).

Foi neste contexto que jornalistas como Gay Talese e Tom Wolfe, entre outros, destacaram-se ao produzirem reportagens que utilizavam as técnicas literárias sem abandonar os princípios jornalísticos. Em outras palavras, os expoentes do *New Journalism* não escreviam ficção: enriqueciam a realidade com recursos narrativos e não apenas com informações.

No Brasil, a revista *Realidade* é comumente apontada por pesquisadores da área como a precursora do jornalismo literário no país, considerada, assim, como um marco de início da produção de textos com as características atribuídas ao *New Journalism*. A publicação mensal foi criada pela Editora Abril, em 1966, e circulou por dez anos. “A revista *Realidade* foi a gênese do texto de revista no Brasil e as pessoas passaram de coadjuvantes a protagonistas nesta maneira de informar, mais aprofundada, mais técnica e lógico, mais literária” (WEISE, 2013).

Os textos publicados na *Realidade* tinham como características, além da indispensável precisão de dados e informações, o uso de diálogos, descrições e metáforas, a imersão do repórter na realidade retratada, bem como o registro de seus pensamentos, sentimentos e emoções. A liberdade permitida aos jornalistas para escreverem seus textos de forma criativa explicita a importância da revista em romper as características burocráticas do lide e inserir no mercado brasileiro uma alternativa para a criação de relatos humanizados. Como expoentes brasileiros do jornalismo literário e seus respectivos relatos jornalísticos publicados como livros pode-se citar Antonio Callado (*Esqueleto na lagoa verde*), José Hamilton Ribeiro (*O gosto da guerra*) e Zuenir Ventura (*Chico Mendes - crime e castigo*).

Lançada em 2006, publicada pela Editora Alvinegra e impressa pela Editora Abril, a revista *Piauí* é, atualmente, a principal publicação brasileira que representa o gênero do jornalismo literário. Criada pelo documentarista João Moreira Salles, *Piauí* caracteriza-se pela liberdade, uma vez que não possui editorias fixas, nem temas obrigatórios; suas longas reportagens investigativas não precisam corresponder a assuntos que estejam em voga nos noticiários ou que sejam manchetes na maior parte das publicações.

Hoje, a realidade das redações jornalísticas representa um cenário cada vez menos propício ao desenvolvimento do jornalismo literário. A redução do quadro de repórteres reflete na diminuição do espaço reservado ao texto, que deve ser curto e objetivo. Para Sergio Vilas Boas,

[...] o texto enriquecido com recursos literários perdeu a importância no jornalismo tradicional; os orçamentos para produção de matérias especiais estão praticamente fora das previsões das empresas; e claro, falta tempo para investigar, espaço para aprofundar e mentores para incentivar (VILAS BOAS, 2003, p. 28).

2.2 PERFIL

O perfil jornalístico é um formato de texto que está inserido no jornalismo literário e, como tal, obedece aos seus formatos e estruturas. No perfil, a lógica da pirâmide invertida também não é válida, pois esse tipo de texto acomoda percepções dos bastidores da produção da reportagem, como descrições de gestos, expressões faciais e conversas entre o autor e o personagem, que não se enquadram no modelo de jornalismo objetivo. O perfil é um texto que exalta alguns aspectos da vida e da trajetória de seu personagem; uma obra de natureza autoral, que não deve, no entanto, ser tratada como uma biografia, por ser uma narrativa curta que é, comumente, realizada a partir de apenas entrevistas com a pessoa perfilada. Esse motivo, que também diferencia o perfil de uma grande reportagem, foi uma das questões consideradas para a escolha desse formato de texto nesse trabalho de conclusão de curso, tendo em vista o pouco tempo estabelecido para a produção do mesmo. Além desse motivo utilizado como critério para a escolha de perfis, é importante ressaltar que esses textos podem ter como objeto pessoas desconhecidas do grande público e não apenas personalidades famosas ou envolvidas em situações de relevância noticiosa. Em seu livro “Perfis e como escrevê-los”, Sergio Vilas Boas afirma que os perfis

[...] cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência [de o leitor] a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor (VILAS BOAS, 2003, p.14).

Sobre as definições existentes para perfis, Vilas Boas (2003) apresenta algumas usadas por outros autores como: Steve Weinberg, que chama os textos de biografia de curta duração (*short-term biography*); Oswaldo Coimbra, que atribui o nome de “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”; e Muniz Sodré & Maria Helena Ferrari que defendem que deve ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história (a de sua própria vida). Ainda sobre as definições, o autor acrescenta uma expressão mais abrangente e aberta, nascida no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais: histórias de vida. Para ele, “essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema [...] a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista” (Ibidem, 2003, p. 16).

O foco dos perfis jornalísticos é o personagem. A experiência humana é sua principal referência. Dessa forma, o perfil fornece protagonismo ao seu personagem. No caso de *Envelhecer: quatro histórias de idosos em asilos*, os perfis humanizam os anônimos que moram nos asilos e são representados por números nas pesquisas populacionais. Diferentemente do que acontece em matérias sobre o tema, nos perfis os personagens não são exemplos que ilustram o texto: eles são os protagonistas e toda a narrativa é construída a partir deles. “Um personagem desconhecido, por mais iluminador, simplesmente não existe para o jornalismo convencional” (Ibidem, 2003, p. 24).

Sobre a produção de reportagens biográficas, perfis, Vilas Boas (2003), afirma que o jornalista pode trabalhar com um conjunto de ações e reações atribuídas a quem está em foco. O autor refere-se ao que o entrevistado diz a seu próprio respeito e ao que ele diz a respeito de outras pessoas ou a respeito dos acontecimentos contemporâneos que o afetam de algum modo. Em relação à construção da narrativa, o mesmo autor considera que o uso do foco narrativo em primeira pessoa é permitido em perfis, o que configura uma inserção clara da personalidade e subjetividade do jornalista no texto. Essa é uma ferramenta que foi utilizada na construção dos perfis dos idosos do livro ao qual esse memorial se refere, assim como o uso do travessão em substituição às aspas do discurso direto, com a intenção acentuar o aspecto literário do texto.

3. CENÁRIO SOCIAL DOS IDOSOS NO BRASIL

Durante a apuração dos dados relativos às pesquisas demográficas e comportamentais realizada para a construção do livro *Envelhecer: quatro histórias de vidas em asilos* foram encontrados dados estatísticos que ajudam a compreender a atual situação em que vivem os idosos no Brasil. É importante salientar, primeiro, que de acordo com o Estatuto do Idoso - Lei nº 10.741, em vigor desde 2003, durante a gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, são consideradas idosas pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. A última atualização encontrada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente ao número total de idosos no país foi realizada em 2013 e indica 24,85 milhões de pessoas, correspondente a 12,6% da população. Uma porcentagem expressiva, a partir da qual são realizadas algumas pesquisas específicas sobre o modo de vida dessa parcela da população como, por exemplo, a porcentagem de idosos que moram sozinhos ou que estão inseridos no mercado de trabalho.

A pesquisa que mais interessou ao processo de construção deste trabalho foi o estudo *Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil*, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entre os anos de 2007 e 2010, que constatou a existência de 3.548 instituições. Dessas, 65,2% são filantrópicas, o que explicita alguns dos principais motivos pela busca de asilos: carência financeira e falta de moradia. Na região Nordeste encontram-se apenas 8,5% do total de instituições pesquisadas. Os números apresentados por essa pesquisa são muito pequenos quando comparados ao total de idosos que vivem no Brasil. Destes, 83.870 moram em asilos, o equivalente a apenas 0,5% da população idosa. No entanto, o estudo aponta para uma tendência do aumento de idosos que procuram essas instituições, em consequência da diminuição na quantidade de familiares que cuidam dos seus parentes quando estes envelhecem e da redução do núcleo familiar (número de filhos por família). Esses são os principais indícios considerados para concluir que a busca por cuidados para os mais velhos, fora da esfera parental, cresça. Outro dado que reforça o crescimento é referente às vagas nos asilos. Dos 109.447 leitos constatados pela pesquisa, 91,6% estavam ocupados, o que permitiu concluir que as instituições estão funcionando com sua capacidade máxima e que, muitas vezes, a procura é maior que a quantidade de vagas que os asilos podem oferecer.

Com base nos números apresentados e do que se pôde concluir a partir deles, é perceptível que a assistência prestada pelos asilos atende a uma pequena parcela dos idosos. A dificuldade em encontrar vagas nos asilos que foram visitados para o desenvolvimento desse trabalho, devido à lotação dos leitos disponíveis, corrobora a tendência apresentada no estudo. Por mais de uma vez presenciei ligações ou visitas de famílias aos asilos em busca de um lugar para acomodar algum de seus parentes. Essa procura demonstra que a necessidade por asilos é real. Na maioria dos casos aos quais tive acesso, as instituições representam a única alternativa de sobrevivência para quem busca por elas e, em sua maior parte, a procura é feita por familiares que não têm condições financeiras e estruturais para cuidar da saúde e do bem estar de seus parentes idosos de forma satisfatória.

Esse trabalho é apenas um pequeno retrato das histórias de vida de quem mora em asilos. Uma tentativa de humanizar, dar nome, idade e protagonismo às pessoas que estão por trás desses números, bem como de promover uma aproximação do leitor com o universo do envelhecimento, onde o tempo, a fala e o raciocínio são mais lentos. Essa aproximação visa compreender a velhice, além de suas consequências físicas. O livro ao qual esse memorial se refere não consegue e nem pretende, por si só, incluir e questionar todos os aspectos sociais e legais envolvidos nas responsabilidades governamentais com os idosos e na manutenção e ampliação dos asilos existentes no Brasil.

4. TRAJETÓRIA

Ingressei na Faculdade de Comunicação da UFBA no primeiro semestre de 2010, mas meu interesse pelo tema deste trabalho é anterior à minha escolha por este curso de graduação e justifica-se mais pela minha trajetória pessoal que pela profissional, por isso, começarei pela primeira.

4.1 PESSOAL

A maior parte das minhas lembranças da infância, até os nove anos, situa-se na casa dos meus avós maternos. É por causa dessas memórias que costumo dizer que morei com eles, mas, na verdade, eu morava com os meus pais, que trabalhavam o dia todo e por isso me deixavam sob os cuidados dos pais de minha mãe. Estudei na Escola Emmanuel Kant, que ficava há duas quadras da casa dos meus avós, no bairro da Caixa D'água, em Salvador. A proximidade foi levada em consideração para que após as aulas no turno matutino, eu passasse o resto do dia na casa deles. Eles foram os primeiros idosos que conheci e tiveram uma presença constante nos meus primeiros anos de vida.

Meus avós moravam sozinhos e viviam com o dinheiro da aposentadoria e das bijuterias e costuras que minha avó fazia para vender. Na época em que cuidavam de mim, minha avó tinha entre 50 e 60 anos, e meu avô, treze anos mais velho, estava entre a casa dos 60 e 70. Eles raramente se queixavam de dores e não havia praticamente nada que quisessem fazer e o corpo não permitisse. Os vi envelhecerem aos poucos. Vi meu avô vender o carro da mala grande, um Fiat Elba, que enchíamos de compras uma vez por mês, porque não se sentia mais seguro para assumir a direção. Parei de acompanhar minha avó nas idas até o centro da cidade de ônibus porque ela já não conseguia subir os degraus do coletivo com facilidade. Ouvi as queixas pelas dores no nervo ciático aumentarem. Vi as caixas de comprimidos diários colocadas em cima de uma prateleira na cozinha se multiplicando. Briguei com meu avô tantas vezes que nem me lembro por ele dizer que estava vivo apenas esperando a hora da morte. Minha avó também brigava com ele por falar essas bobagens.

Acompanhei o enfraquecimento dos meus velhos por quase dez anos. A morte de minha avó foi rápida. No dia em que fiz a prova do meu primeiro vestibular, para o curso de Direito, em 2008, ela foi levada ao hospital com pneumonia e em menos de uma semana faleceu. O

diagnóstico foi choque séptico que ocasionou falência múltipla dos órgãos. Essa foi a perda que mais me causou tristeza e que possibilitou que eu conhecesse a velhice pela face das suas dificuldades e debilidades, através do último ano de vida do meu avô.

Meu avô dependia de minha avó para que organizasse todos os seus afazeres durante o dia e para que suprisse suas necessidades, desde a comida, que era ela quem sempre preparava, até a lavagem das roupas. Quando minha avó morreu, ele não podia viver sozinho, e por falta de espaço na casa dos filhos, todos os parentes se revezaram para passar os dias e as noites com ele. Nos dias em que passei com meu avô, houve momentos em que o Mal de Alzheimer, que o acometeu aos 86 anos, não permitia que ele me reconhecesse, tampouco soubesse quem era minha mãe. Meu avô precisava do suporte da bengala e também de alguém que lhe desse a mão para qualquer deslocamento pela casa. Acompanhei meu avô ao banheiro, vesti sua roupa, fiz tudo que ele fizera comigo mais de dez anos antes. Um dia, não consegui sustentar o peso do seu corpo com meus braços e nós dois caímos no chão. Foi preciso que um amigo, mais forte que eu, carregasse meu avô para colocá-lo de pé novamente.

Com a morte de meu avô, em julho de 2009, minha família, assim como eu, experimentou um sentimento diferente da surpresa e descrença que marcou o velório de minha avó. Depois de 15 dias em um leito de hospital, a morte dele veio acompanhada de aceitação e certo alívio, pelo fim do seu sofrimento.

É por causa da importante presença de meus avós na minha trajetória que me interesse por pessoas idosas, suas histórias de vida e a situação em que vivem. Foram os últimos meses de vida do meu avô, em que acompanhei a fase mais crítica de seu envelhecimento, os que me motivaram a realizar esse trabalho e conhecer idosos que moram em asilos. Busquei aqueles que em momentos de semelhante fragilidade ao que meu avô viveu, não têm ao seu lado uma família. Encontrei e escrevi histórias que dificilmente começam ou se encerram com um sorriso. No último ano de vida de meu avô eu estava estudando em um curso pré-vestibular, pois não havia sido aprovada na primeira prova que prestei. Durante o curso, decidi mudar minha escolha de graduação de direito para jornalismo.

4.2 PROFISSIONAL

Escolhi a faculdade de jornalismo pelo mesmo motivo que muitos de meus colegas citaram em nossa primeira aula do curso: o gosto pela escrita e pela leitura. No primeiro semestre, o meu desejo profissional era trabalhar como repórter em um jornal impresso. Porém, durante esse mesmo período, percebi que poderia conciliar à faculdade o meu interesse pessoal pela fotografia, e me inscrevi na disciplina optativa de Iniciação à Fotografia, ministrada pelo professor Paulo Munhoz.

No segundo semestre, durante as aulas de Comunicação Jornalística, com a professora Graciela Natansohn, conheci o jornalismo de revista, mais especificamente a escola do Jornalismo Literário e os perfis, através dos textos da jornalista Eliane Brum. Entre a reportagem, a entrevista e o perfil que produzi, em duplas, para essa disciplina, foi ao último que me dediquei com mais prazer. Na época, eu e Rafael Barreto escrevemos um perfil sobre o Jardim Botânico de Salvador. Esse formato de texto nos permitiu o uso de uma narrativa menos científica, repleta de descrições do espaço e percepções pessoais sobre a visita ao local. Até hoje, essa foi uma das matérias que mais gostei de ter produzido durante a faculdade, e esse sentimento se deve, em grande parte, ao formato do perfil, com o qual me senti completamente à vontade para escrever. Ainda naquele mesmo semestre, comecei a amadurecer meus conhecimentos sobre fotografia na Oficina de Comunicação Audiovisual, com o professor José Mamede.

No semestre seguinte, a disciplina Oficina de Jornalismo Impresso foi a que me possibilitou maior prática de apuração e escrita do texto jornalístico. Sob a coordenação da professora Malu Fontes, três matérias que coassinei foram publicadas nas duas edições do Jornal da Facom que foram veiculadas nesse semestre. Sendo duas dessas matérias as capas dos jornais. Na primeira, uma reportagem sobre as recém-instaladas Bases Comunitárias de Segurança, nos bairros do Calabar e Alto das Pombas; na segunda, uma cobertura da Cerimônia de Beatificação de Irmã Dulce, realizada no Parque de Exposições de Salvador, quase duas décadas após a morte da beata.

Ao contrário do que o percurso na faculdade indicava, o meu primeiro estágio, no início do quarto semestre, foi em uma assessoria de comunicação. Mesmo com possibilidade de estagiar na redação de um jornal, escolhi a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, pois a carga horária menor permitia que eu me tornasse monitora do Laboratório de Fotografia da

Facom (Labfoto). Foi através dessa monitoria que comecei a direcionar meus interesses para o campo fotográfico.

Em abril de 2012 fui aprovada como estagiária de fotografia no Programa Jornalismo de Futuro (atual Correio de Futuro), na época uma parceria entre o jornal Correio* e a Facom. Nesse programa, fui responsável pela produção fotográfica do caderno especial *NOVE*, além de participar do processo de apuração e coassinar a matéria *O Mercado do Fetiche*, sobre o movimento das vendas de produtos eróticos em Salvador. Com o fim do programa, que teve duração de quatro meses, fui admitida como estagiária de fotografia do Correio*, onde trabalhei por 10 meses. Durante esse estágio, aprimorei minha técnica e diversifiquei minhas experiências em fotojornalismo. Durante o tempo em que fotografei diariamente para o jornal, amadureci como profissional e me familiarizei com a rotina das notícias em uma redação. Foi nessa fase que cursei a disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação, com o professor Adriano Sampaio, e precisei decidir qual seria o meu projeto de conclusão de curso. O contato diário com a fotografia fez com que eu sentisse falta da escrita, que marcou positivamente o início do meu curso. Para retomar uma habilidade que sempre quis desenvolver, escolhi para o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) o tipo de texto que mais me agradou durante a faculdade: o perfil.

Com o intuito de aprimorar minha escrita, no semestre 2013.1 matriculei-me na disciplina Temas Especiais em Jornalismo Impresso, ministrada por Ricardo Sangiovanni, cujo objetivo era a produção e leitura de crônicas, gênero jornalístico que permite narrativas literárias. Durante as atividades propostas ao longo do semestre, tive grande dificuldade em pensar os temas para os textos e escrevê-los. A falta de prática me desfavorecia em relação aos meus colegas que estagiavam como repórteres e redigiam mais de uma matéria todos os dias.

Mantive meu projeto mesmo assim, e acrescentei a ideia de retratar os entrevistados com fotografias, além dos perfis. A minha trajetória dedicada profissionalmente à fotografia transformou o meu Trabalho de Conclusão de Curso em um desafio particular de descrever pessoas através da semântica, sem dispensar as imagens, mas utilizando-as como um complemento ao texto que detém a força principal do trabalho.

5. O LIVRO: PERCURSO METODOLÓGICO

O livro *Envelhecer: quatro histórias de vidas em asilos* começou a ser desenvolvido em fevereiro de 2014 e seu ponto de partida foi a busca por instituições de longa permanência para idosos. Após a pesquisa dos asilos existentes em Salvador e regiões próximas, como Lauro de Freitas, foram listadas três instituições possíveis. Destas, uma era mantida pela Prefeitura de Salvador e as outras duas eram filantrópicas. O critério para escolher instituições do mesmo segmento foi decidido logo depois dos primeiros contatos telefônicos, a partir das pesquisas de coletas de dados sobre os asilos brasileiros, que apontaram as instituições filantrópicas como maioria no país. Assim, foi mantido o interesse pela Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes, no bairro do Cají, em Lauro de Freitas, e pelo Abrigo São Gabriel para os Idosos de Deus, no bairro da Boa Viagem, em Salvador.

O primeiro contato, por telefone, com a Casa de Caridade, foi com Maria de Fátima dos Anjos, vice-presidente da instituição, no final de fevereiro. Ela recebeu-me alguns dias depois do telefonema para que eu lhe explicasse como seria a realização do meu projeto e solicitou um ofício assinado pela minha orientadora para que eu pudesse ter acesso ao asilo. Também pediu cópia do meu RG e de um comprovante de residência para o mesmo fim. Maria de Fátima autorizou que eu entrevistasse os idosos, desde que obtivesse a permissão destes para reproduzir qualquer trecho das conversas, bem como tirar e divulgar suas fotos. Com o aval da vice-presidente da instituição para que eu começasse as visitas na semana seguinte, minha entrada e permanência no asilo sempre foram permitidas sem impedimentos, mesmo nas poucas vezes em que extrapolei o horário determinado para as visitas em geral.

Em março, devido ao início do estágio no Labfoto, no período da tarde, a maior parte de minhas visitas ao asilo aconteceram pela manhã, de modo que eu geralmente estava lá no horário do almoço, entre onze horas e meio dia, quando era mais difícil de iniciar ou manter uma conversa com os moradores. Como Maria de Fátima só havia me apresentado às funcionárias da ala feminina, comecei minha seleção de entrevistados pelas idosas. Conversei com Raimunda Veras Ferreira, de 79 anos, no primeiro dia, mas só considerei que ela poderia compor o livro após duas visitas, quando percebi, em conversas com mais idosas, que teria que selecionar inicialmente os perfilados pela lucidez do discurso. A capacidade de rememorar fatos e sentimentos anteriores ao presente era essencial para construir as histórias de vida. Naquele momento, percebi que teria que abrir mão de histórias interessantes por não

conseguir desenvolver uma conversa mais detalhada com muitos dos idosos. A clareza de ideias de Raimunda foi o que me fez insistir em conversar com ela por mais três encontros. A insistência me levou a conhecer parte de seu passado que, certamente, a idosa não contava com facilidade. Foi quando me disse que havia engravidado de seu primeiro namorado e que ele a abandonou para casar-se com outra mulher, também chamada Raimunda, que meu interesse em escrever sua história foi total. A emoção ainda viva e forte com que ela me relatou todos os detalhes que pareceu capaz de lembrar sobre o filho que nasceu morto, o que ela acredita ser uma consequência da decepção amorosa que sofreu, corroborou a decisão de que Raimunda faria parte do livro.

Durante o mês de março, comecei a conversar com Cecília de Jesus, de 81 anos, incentivada por Raimunda, que mesmo sem falar com a vizinha de quarto por não conhecê-la bem, garantiu-me que se eu tinha interesse em conversar com Cecília deveria ir até o quarto dela, pois seria bem recebida. Cecília me pareceu uma pessoa interessante desde nosso primeiro encontro, por causa do seu quarto repleto de bonecas, que chama a atenção de qualquer um que passe em frente a sua porta e também pelo sorriso fácil, que demonstra uma felicidade contrária ao que se pode supor a partir do estado físico de seu corpo, fragilizado pela artrite, o que a faz necessitar do auxílio de um andador para qualquer deslocamento. Desde o primeiro dia que a conheci ela me disse que era realmente feliz, mesmo com todo o sofrimento que teve em sua vida. O raciocínio e a memória de Cecília permitiram que a conversa com ela obtivesse a fluidez que eu buscava inicialmente para selecionar os perfilados. Depois de considerado este aspecto, o seu mistério foi o que me instigou, pois era difícil obter muitas informações sobre um período de sua vida em apenas uma conversa. Tudo que descobri sobre a história de Cecília veio em pedaços. A falta de linearidade e a fragmentação com que me contava o que havia vivido permitiu que em todos os dias em que a visitei fosse surpreendida por um relato diferente. O efeito que ela comumente produziu em mim foi de espanto. Quando consegui atribuir fatos que confirmassem o sofrimento que ela garantia ter vivido foi que tive certeza de que poderia escrever um perfil sobre ela.

Ainda no mês de março, doei quinze pacotes de fraldas geriátricas ao asilo, como um gesto de agradecimento pela solicitude da diretoria e dos funcionários, e com a intenção de manter o bom relacionamento com a instituição. Arrecadei as fraldas como presentes dos meus amigos no meu aniversário. No mês de junho, o asilo realizou uma festa junina, com a intenção de arrecadar doações e divulgar a instituição. O evento aconteceu em uma casa

próxima ao Caji, em Lauro de Freitas, que oferece seu espaço duas vezes ao ano para que o asilo realize eventos. Com o mesmo intuito que arrecadei as fraldas, ofereci ajuda para transportar os idosos no meu carro, do asilo ao local da festa, pois o micro-ônibus que realizaria o transporte não possuía acesso especial para os cadeirantes.

Visitei a Casa de Caridade para realizar entrevistas até o mês de maio, quando gravei as últimas conversas com Carlos Ribeiro, de 77 anos. Iniciei as entrevistas com ele após iniciar as de Cecília. Foi Sheila Silva, assistente administrativa da instituição, quem me apresentou a Carlos. Foi ela também quem me deu todas as informações sobre a história do asilo e todos os dados que a administração detinha sobre os perfilados e suas famílias. Como Sheila trabalha no asilo há bastante tempo, manifestou suas opiniões a respeito do funcionamento e descreveu o estado de manutenção da casa.

Carlos chamou minha atenção por uma característica contrária à fragilidade que as mulheres demonstravam fisicamente, ele aparentava ser um homem forte e ativo. Mesmo com a perna esquerda envolta em meias de compressão, geralmente ele usa duas, uma sobre a outra, as sequelas do acidente que sofreu há mais de 15 anos não o fazem necessitar de auxílio para se movimentar. Interessei-me por ele ser diferente da maior parte dos idosos que ocupavam os leitos do asilo, estes eram debilitados física ou mentalmente, o que tornava um desafio ainda maior encontrar uma conversa lúcida na ala masculina. Quando me dediquei a conversar com Carlos percebi que ele tinha muito para contar por acumular experiências diversas tanto nos empregos em que trabalhou, quanto nos relacionamentos pessoais que teve. Insistir nele foi recompensador, em especial, por descobrir, ao conversar com Sheila, que ele havia me relatado acontecimentos que os funcionários do asilo não tinham conhecimento.

Ao todo, gravei três entrevistas com as mulheres e duas com Carlos, cada uma com no mínimo cinquenta minutos de áudio. Os encontros que tive com eles, no entanto, somam um número maior que esses das gravações. Sempre que ia ao asilo entrevistar uma pessoa, visitava as outras em seus quartos, além das vezes em que fui ao local apenas para fotografar os perfilados, sempre após o que eu considere ser a última entrevista, pois, naquele momento, já possuía a certeza que o idoso faria parte do livro.

Durante o mês de maio entrei em contato com o Abrigo São Gabriel, para que pudesse continuar o projeto lá. Falei ao telefone com Iracema Dias, enfermeira da instituição e também responsável por agendar as visitas, que me informou que eu deveria levar um ofício e

uma cópia do projeto para apresentar a proposta ao Irmão Gabriel, como é conhecido o padre Joaquim Dias de Santana, presidente, fundador e responsável pela administração do asilo. Foi marcada uma visita para a mesma semana. Quando cheguei ao asilo, durante a manhã, o Irmão Gabriel estava ocupado e só pôde me atender após o almoço, às 13h. Enquanto esperava, sentei-me na sala e conversei com alguns idosos, em busca do próximo perfilado. Pela proximidade da data limite para a conclusão do trabalho, só haveria tempo para construir mais um perfil, e para equilibrar o livro, deveria ser um homem. Conversei com três senhores, mas nenhuma conversa conseguiu se sustentar por mais que quinze minutos.

Enquanto esperava, Iracema convidou-me para almoçar, porque o Irmão Gabriel ainda demoraria. Almocei com os funcionários na sala de refeições, após o término do horário de almoço dos idosos, foi a única vez que comi em um asilo. O padre autorizou minhas visitas ao asilo, deixando claro que se preocupava muito com a imagem da instituição que seria transmitida. Na visita seguinte conheci Valdivino de Oliveira, de 83 anos. Iniciei a conversa quando ele passou por mim no corredor e desejou bom dia. Arrisco dizer que Valdivino escolheu-me, diferente dos outros perfilados, os quais busquei conhecer, ele apresentou-se a mim e demonstrou interesse em uma rápida conversa cordial. Coube a mim estender o assunto e, desde o primeiro dia em que conversamos, ele me surpreendeu e conquistou pela sua sinceridade. Antes mesmo de conseguir entender sua história repleta de sincretismos religiosos fiz questão de tê-lo no livro pela franqueza com que falou para mim sobre a velhice. Entrevistei Valdivino três vezes e realizei quatro visitas ao asilo.

Na primeira entrevista com Raimunda e com Cecília, eu fiz anotações em um caderno e não usei o gravador. Pensei que o gravador poderia assustá-las, mas após essas conversas iniciais percebi que estava perdendo muitos detalhes por não conseguir escrever com rapidez e que o caderno muitas vezes distraía a atenção delas de nossa conversa. Por isso, nas segundas entrevistas com ambas pedi para gravar. Elas não se opuseram e em nenhum momento as vi olhando para o meu celular, com o qual realizei as gravações. Pela eficácia que percebi neste método, as entrevistas com Carlos e Valdivino foram todas gravadas.

Não houve roteiro de perguntas para nenhuma das entrevistas. Direccionava os assuntos a depender do que os idosos me contavam. Quando não falavam nada eu lhes questionava sobre assuntos presentes, buscando um gancho para saber mais sobre o passado. Às vezes, após a primeira conversa, eu levava algumas perguntas anotadas, sempre menos que cinco,

para saber mais detalhes sobre o que eles haviam me contado na entrevista anterior e que eu percebera que faltavam informações ao consultar minhas anotações, ouvir e decupar os áudios. É pouco provável que eu tenha feito as mesmas perguntas para duas pessoas diferentes, com exceção de algumas questões sobre envelhecimento e vida no asilo, questões essas que elaborei a partir da leitura das obras de ficção que foram recomendadas por minha orientadora, como: *Fim*, de Fernanda Torres (2013); *Máquina de Fazer Espanhóis*, de Valter Hugo Mãe (2011); o relato de uma história real feito por Philip Roth (2012), em *Patrimônio*; além da grande reportagem de Eliane Brum, *A Casa de Velhos*, publicada na revista *Época* e posteriormente no livro *O Olho da Rua* (2008).

O processo de escrita dos perfis teve início em maio de 2014 e foi concluído em junho. A bibliografia sobre a estrutura dos textos e a leitura de perfis foi o que possibilitou as escolhas estilísticas e formais que resultaram no formato final dos perfis. O uso da primeira pessoa pareceu indispensável, pois eu não conseguiria contar as histórias com afastamento. Como escolhi o jornalismo literário pela possibilidade de incluir-me claramente nos perfis, optei por seguir a mesma linha para a introdução do livro. Uma tentativa de situar o leitor do cenário social que os idosos estão inseridos no Brasil, com a apresentação dos últimos dados e das estatísticas divulgados sobre o assunto, sem tornar o texto de abertura do livro um relatório. Busquei essas informações em dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em notícias de sites jornalísticos.

A ordem dos perfis não seguiu a sequência de entrevistas. A escolha por revezar homens com mulheres foi uma opção para equilibrar os textos. Seguindo essa lógica, a única intervenção foi por Carlos ser o primeiro, uma vez que sua história se revelava muito presente na Casa de Caridade, onde vive nos últimos 14 anos. Escolhi aproveitar seu perfil para descrever o espaço da casa e a sua estrutura. Com isso, não seria necessário repetir os detalhes físicos da instituição nos perfis de Cecília e Raimunda.

Os títulos dos perfis, com o nome e a idade dos perfilados, são resultado da minha incapacidade de resumir a história, a personalidade e os sentimentos dos idosos em uma frase. Assim como não me pareceu justo exacerbar um determinado aspecto, entre tudo que eles me narraram, como síntese de uma vida. Os títulos não avisam ao leitor o que ele vai encontrar, não dão sequer uma pista de como a história pode tocá-lo. É uma forma simples de não diminuir o que os perfilados são. Seus nomes e idades são a apresentação inicial para quem se

dispõe a conhecê-los. A ausência de sobrenomes é proposital como uma tentativa de aproximar o leitor do que vivi durante as entrevistas, pois todos se apresentaram a mim apenas com o primeiro nome. O acréscimo de um pronome de tratamento é o que, algumas vezes, se mostrou mais comum para diferenciá-los, Carlos, por exemplo, é chamado por todos os funcionários da Casa de Caridade como “Seu” Carlos. Nos subtítulos, o que ganha destaque ao longo dos textos são frases curtas, ditas pelos perfilados. Uma escolha estilística, assim como o uso dos asteriscos (*) que fornecem pausas aos textos para marcar a mudança dos assuntos.

Todas as fotos que compõem o livro foram feitas por mim. Ao fim do que considerei ser a última entrevista de cada perfilado, por já possuir material suficiente para a construção dos textos. Pedi permissão para que os fotografasse em um encontro futuro e, assim, após a conclusão das entrevistas, retornei aos asilos para fotografá-los. Escolhi fotografar os idosos da Casa de Caridade em seus quartos por ser o espaço mais próximo de algo privado que eles têm. Além de ser o local onde realizei todas as entrevistas. Nos quartos de Raimunda, Carlos e Cecília, sentei-me ao lado deles, em suas camas, ou em uma cadeira plástica defronte a eles. Por isso, nas fotos, eles estão sentados em suas camas, pois é o local onde sempre estiveram durante todas as entrevistas. Escolhi retratá-los para os leitores como os encontrei quando visitei o asilo, sem retoques ou produções. Valdivino foi o único com quem não conversei em seu quarto, pois no Abrigo São Gabriel o dormitório masculino acomoda mais de dez camas e foi mais fácil encontrar silêncio para as entrevistas na parte externa da casa. Mesmo assim, quando fui fotografá-lo, Valdivino me convidou para conhecer a sua Bíblia, que guardava na única gaveta do criado mudo ao lado da cama. Aproveitei esse momento e fiz a foto dele ali, sentado em sua cama, com a Bíblia na mão. Preservei, assim, a unidade das imagens produzidas para as páginas de rosto dos perfis, sem perder o sentido de fotografar os perfilados no espaço mais pessoal que eles têm: seus quartos e suas camas sempre ladeadas pelo criado mudo onde guardam seus pertences.

Todas as fotos foram feitas com a câmera *Nikon D7000* e a lente 50mm. O objetivo de uso dessa lente foi explorar a abertura focal que ela possui (até f1.8), para reproduzir a luz natural do ambiente, ou seja, realizar as fotos sem a necessidade do flash. Outra consequência da abertura é a obtenção de pouca profundidade de campo, ou seja, grande desfoque do fundo da cena. Isso produziu um resultado onde o espaço do quarto é visível, mas a atenção principal está no objeto focado: os perfilados. Esta escolha se define como opção editorial e

de estilo. O *Adobe Photoshop Lightroom 4.2* foi utilizado para o tratamento das imagens, pois fotografei em *RAW* (formato cru de arquivos de imagens digitais que preserva a totalidade dos dados da imagem captada pelo sensor da câmera) para obter máxima qualidade nas fotos, o que implica na necessidade de um tratamento digital antes da compressão para *JPEG* (formato de compressão mais comum, que foi utilizado para a impressão). Apenas ajustes básicos foram realizados, quando necessários, durante o tratamento das fotos. Alguns exemplos de intervenções nas imagens foram: aumento da exposição nas regiões que estavam escuras e recorte para aproximar o fotografado do centro da imagem. Nas fotos da capa, o tratamento foi utilizado para transpor as imagens coloridas para preto e branco, e o contraste foi acentuado para que as rugas e marcas na pele ficassem mais visíveis.

O título do livro aparece aqui como um dos últimos aspectos a ser explicado por ter sido também uma das últimas decisões sobre o livro, simultaneamente ao período de produção do design editorial. *Envelhecer: quatro histórias de vidas em asilos* foi escolhido após várias conversas com familiares, amigos e com a orientadora. O resultado final teve influência direta das discussões com esta última, não apenas sobre os significados das palavras, mas principalmente sobre as sensações e sentimentos que elas despertam. A opção pelo plural na palavra vida foi uma decisão minha, com o intuito de que este livro não fosse confundido com um trabalho de uso da metodologia de histórias de vida das Ciências Sociais.

A identidade visual e diagramação do livro foram feitas por uma designer contratada, Fabrícia Gonçalves. Foi dela a sugestão de capa, com fotos de detalhes que revelassem partes dos corpos dos idosos sem identificar seus rostos. Com isso, precisei fotografar Cecília e Raimunda novamente pois, quando decidimos como seria a capa, os retratos das duas já tinham sido produzidos. Carlos e Valdivino foram fotografados para a folha de rosto e para a capa na mesma ocasião, no entanto, as fotos de Valdivino são as únicas que não preenchem a capa por uma escolha estética. Optamos pelo tratamento em preto e branco para essas fotos por ser o ideal para acentuar as rugas e marcas da velhice na pele, que queríamos destacar. A impressão do livro foi realizada na gráfica Alpha Graphics.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho trouxe-me grande satisfação pessoal, pelo fato de ter conseguido concluir um livro em que produzi não apenas as fotos, mas também todos os textos. *Envelhecer: quatro histórias de vidas em asilos* é, por mais piegas que soe, a realização de um sonho de concluir a faculdade realizando um trabalho em que pude desenvolver a aptidão que foi decisiva para a escolha da faculdade de jornalismo: a escrita.

A realização deste trabalho me permitiu quebrar um estereótipo pessoal de que a vida nos asilos é deprimente e desprovida de alegrias. Encontrei um cenário mais positivo que o esperado, o que não significa que esses lugares não tenham deficiências ou que não precisem melhorar, mas permite o pensamento que, quando bem estruturados, os asilos podem ser uma boa opção ao envelhecimento e não apenas uma última alternativa.

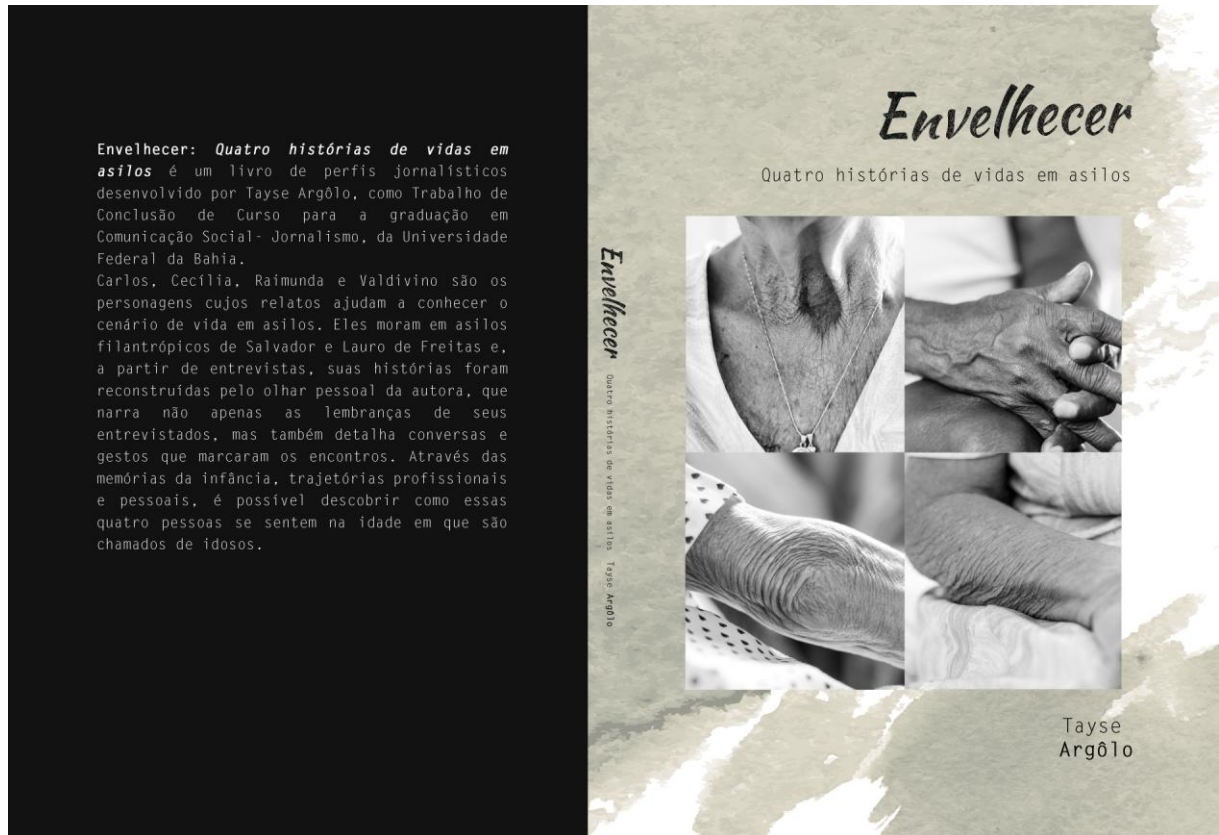
Por causa do acordo firmado entre mim e as instituições visitadas, que permitiram a reprodução das histórias contadas pelos idosos sob suas responsabilidades, desde que, unicamente, para fins acadêmicos, não pretendo produzir mais que dez exemplares desses livros. Além das três impressões destinadas à banca avaliadora, sinto que devo entregar um exemplar a cada instituição, e, por fim, conservar de três a cinco comigo, para recordação, uma vez que se trata de um trabalho extremamente importante no âmbito pessoal e sentimental.

7. REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispões sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Presidência da República, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em 1 jul. 2014.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, Eliane. A Casa de velhos. In: _____. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008. cap. 3, p. 82 - 131
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Departamento de População e Indicadores Sociais. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv929.pdf>>. Acesso em 1 jul. 2014
- MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MEYER, Philip. **Jornalismo literário e jornalismo de precisão**. Traduzido por: Leticia Nunes. Carolina do Norte, 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_jornalismo_literario_e_jornalismo_de_precisao>. Acesso em 2 jul. 2014.
- RITTO, Cecília. **Ipea traça perfil dos abrigos de idosos no Brasil**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ipea-traca-perfil-dos-abrigos-de-idosos-no-brasil>>. Acesso em 1 jul. 2014.
- ROTH, Philip. **Patrimônio**: uma história real. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SAMORANO, Carolina. **Velhice sem tabus: quase 3 milhões de idosos moram sozinhos no Brasil**. Brasília: Revista do Correio Braziliense, 2014. Disponível em: <http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/01/11/noticia_saudeplena,147017/>. Acesso em 1 jul. 2014.
- TORRES, Fernanda. **Fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.
- WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario>. Acesso em: 1 jul. 2014.
- WERNECK, Humberto. **A arte de sujar os sapatos**. 2004. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_arte_de_sujar_os_sapatos>. Acesso em 1 jul. 2014.

WERNECK, Humberto. **Santa Sherazade, padroeira dos jornalistas**. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed699_santa_sherazade_padroeira_dos_jornalistas>. Acesso em 1 jul. 2014.

ANEXO A - CAPA E CONTRACAPA DO LIVRO



ANEXO B - FOLHA DE ROSTO DO PERFIL



Raimunda, 79

ANEXO C - EXEMPLO DE USO DE OLHO NOS PERFIS

“Eu era muito sem vergonha”

– A culpa foi minha, eu fui muito safado.

Ele estava me contando porque sua relação mais duradoura, de seis anos, não havia dado certo, quando assumiu a responsabilidade pelo fim dessa forma:

– Teve muita gente que me deu conselho, mas eu não quis ouvir conselho e deu no que deu.

No que deu, exatamente, eu não soube, mas acho que a declaração de safadeza basta para imaginar porque Marina não quis mais viver ao lado do mulherengo incurável. Antes dela, ele já havia deixado uma mulher no bairro de Águas Claras, em Salvador, onde morou nos anos em que trabalhou nas pedreiras. Para esta, Carlos perdeu até a casa. A namorada estava grávida quando ele resolveu trocar de ares, e para não assumir a paternidade da criança, planejou silenciosamente a mudança. Quando só faltava acertar os últimos detalhes da venda da casa que tinha em seu nome, a cunhada descobriu tudo e convenceu a irmã a obrigá-lo a encarregar-se dos deveres de pai através da justiça.

Carlos não só colocou seu nome na certidão de nascimento da menina, como teve que abrir mão da casa para que a filha tivesse alguma reserva financeira. Depois de acertadas as exigências legais, ele foi para Ipitanga e conseguiu trabalho em barracas de praia até mudar-se para Porto Seguro.

A ausência de determinação do tempo é uma constante nas histórias que Carlos me contou. Ele não lembra da sua idade em cada período ou há quanto tempo os fatos ocorreram. Tentar construir uma linha